

A REALIZAÇÃO DOS CLÍTICOS NA LÍNGUA ESPANHOLA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA POR ESTUDANTES BRASILEIROS: DISCUSSÕES INICIAIS

Elaine dos SANTOS¹

RESUMO: O presente trabalho pretende discutir a relação existente entre a realização e o apagamento dos clíticos no processo de aprendizagem do espanhol como língua estrangeira por alunos brasileiros, os quais têm como base a aquisição de um sistema pronominal que a cada dia apresenta um contexto de mudança linguística. Baseados em autores como Kato (1999, 2005), Ramos (1999), Sebold (2009) e Magalhães (2006), discutiremos sobre divergências e convergências entre o sistema pronominal nas duas línguas citadas, além de levar em consideração as intuições dos aprendizes para formulação de sentenças na Língua Estrangeira.

Palavras chave: sistema pronominal, clíticos, aquisição, aprendizagem, língua estrangeira

RESUMEN: El presente trabajo tiene la intención de discutir la relación que hay entre la realización y la omisión de los clíticos en el proceso de aprendizaje del español como lengua extranjera por alumnos brasileños, los cuales tienen como apoyo la adquisición de un sistema pronominal que a cada día presenta un contexto de cambio lingüístico. Basados en autores como Kato (1999, 2005), Ramos (1999), Sebold (2009) y Magalhães (2006), discutiremos sobre las divergencias y convergencias entre el sistema pronominal en dichas lenguas, además llevaremos en consideración las intuiciones de los aprendientes para la formulación de sentencias en la lengua extranjera.

Palabras clave: sistema pronominal, clíticos, adquisición, aprendizaje, lengua extranjera

1. Introdução

As questões que envolvem a natureza da linguagem há algum tempo já têm se mostrado um solo fecundo no desenvolvimento da Linguística. Adquirir uma Língua Materna (LM) é um processo natural e inato ao ser humano e para tanto basta que o indivíduo esteja exposto a dados de língua e seu desenvolvimento ocorre naturalmente, pois a criança nasce com um dispositivo denominado Faculdade da Linguagem, específico para desempenhar tal função, prova disso é que a criança aprende a falar sem ter a necessidade de que alguém lhe ensine como sua Língua Materna funciona.

Tendo o Espanhol² e o Português Brasileiro (PB) como línguas que possuem características estruturais, semânticas e lexicais semelhantes, o estudo comparativo de seus constituintes sintáticos torna-se pertinente uma vez que a proximidade linguística por vezes traz nuances que ora passam despercebidos.

¹ Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas: Espanhol/Inglês pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC) e aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

² Aqui, nos referiremos à língua espanhola de maneira geral, sem especificar nenhuma variante.

Fazendo um recorte no infinito leque de possibilidades que a língua nos proporciona, neste artigo faremos uma breve reflexão a respeito do uso dos clíticos entre o Português Brasileiro e o Espanhol, partindo da seguinte questão: como um indivíduo consegue internalizar e produzir estruturas de uma língua rica em clíticos tendo como base sua LM que passa por um processo de mudança linguística durante a aquisição, no que se refere ao sistema pronominal.

Teremos como objetivo discutir a respeito dos sistemas pronominais brasileiro e espanhol, observar construções com clíticos no PB e no Espanhol e analisar o uso e a gramaticalidade das sentenças.

2. Aquisição e aprendizagem

Os seres humanos são dotados inatamente de um conhecimento linguístico rico e estruturado que guia a criança no processo de aquisição de uma língua. A Gramática Universal é a Teoria que procura explicar esse conhecimento.

Realizado o processo de aquisição de linguagem, o falante já possui competência linguística, ou seja, já possui conhecimento sobre a língua que fala, já consegue inclusive decidir se uma sentença é gramatical ou não em sua língua e ao fazer uso dessa competência produz a performance (ou desempenho), ou seja, o uso propriamente dito que o falante faz de seu conhecimento acerca da língua em situações de comunicação.

Ao nos referirmos a uma língua que não seja a LM, o mesmo processo de aquisição pode acontecer se o indivíduo for colocado numa situação de imersão linguística, em que o processo de aquisição da L2 acontecerá de maneira natural. Entretanto, quando falamos de uma língua estrangeira (LE), logo nos vem à cabeça um contexto de sala de aula, ou seja, situações artificiais de língua, em que há um estímulo externo, levando em conta que o período de tempo no qual o indivíduo é exposto à língua estrangeira é muito curto, haja vista que o *input* torna-se insuficiente para que haja aquisição, sendo assim, chamaremos, pois, de aprendizagem.

Quando falamos em aquisição estamos, necessariamente, preocupados com elementos internos da linguagem, com uma língua interna (Língua-I), porém ao direcionarmos o olhar para a aprendizagem, passamos a observar elementos que pertencem à língua externa (Língua-E), em outras palavras, Kato (1999, p.201) afirma que

embora um esteja lidando com o conceito de língua-E (externa e extencional) e o outro com o conceito de língua-I (interna, intencional e individual), para ambos, podemos dizer, ao conceito de língua subjaz o conceito de *aquisição* e não de *aprendizagem* lingüística. Entenda-se pelo primeiro conceito o desenvolvimento do conhecimento lingüístico apenas em função do “input” natural externo e, pelo segundo, aquele ‘em que houve algum tipo de intervenção/estimulação externa.

Essa dicotomia foi sempre usada no contraste entre língua materna e língua estrangeira, a primeira como resultado de *aquisição*, e a segunda como fruto de *aprendizagem*, ou instrução³.

Para que haja aquisição, somente é necessário que o indivíduo esteja dentro de um ambiente lingüístico em que prevaleça a língua que ele está adquirindo antes de passar o período considerado como “crítico”⁴, dessa forma há aquisição das estruturas lingüísticas, em outras palavras, o sistema lingüístico em sua totalidade será internalizado. Magalhães (2000, p. 5) aponta que

em resumo adquirir uma língua depende (entre outras coisas) na fixação dos princípios e parâmetros abertos na GU. A criança exposta a uma determinada língua deve atribuir determinado valor a um parâmetro. Quando todos os valores de todos os parâmetros estiverem fixados a criança terá atingido o Ss. Ou seja, o estágio estável da gramática, o estágio da gramática adulta.

Pensando na língua estrangeira, todas as destrezas⁵ que um indivíduo deve desenvolver serão guiadas por determinadas instruções e correções que o ajudarão a trilhar o caminho em busca da língua-alvo, o indivíduo aprenderá a falar na língua estrangeira, compreender, ler e escrever praticamente ao mesmo tempo e na maioria das vezes de forma consciente, o que não ocorre durante o processo de aquisição, uma vez que a criança primeiramente aprende a falar e só depois recebe a instrução formal da escola⁶.

Essa breve explanação foi necessária para fixar bem os caminhos a serem traçados durante este trabalho, pelo fato de que estaremos dialogando com os conceitos de aquisição e aprendizagem todo o tempo.

³ Grifos da autora.

⁴ Para mais informações sobre o “período crítico”, conferir Chomsky (1986).

⁵ Fala, escrita, compreensão auditiva e textual.

⁶ As discussões entre a gramática da fala e a gramática da escrita ou a relação entre aquisição de linguagem e o papel da escola são temas que despertam grandes desdobramentos e estimulam várias discussões, entretanto não nos deteremos nessas questões no presente trabalho.

3. O sistema pronominal do Português Brasileiro

Analisando o que diz a Gramática Tradicional, doravante GT, temos em Bechara (2004, p.164) que as formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, funcionam como sujeito e se dizem retas. *A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento*⁷ e pode apresentar-se em forma átona ou tônica.

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		Átonos (sem prep.)	Tônicos (com prep.)
Singular	eu	me	mim
	tu	te	ti
	ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si
Plural	nós	nos	nós
	vós	vos	vós
	eles, elas	lhes, os, as, se	eles, elas, si

É possível observar que o paradigma adotado acima não condiz com a realidade linguística do PB. Pode-se dizer que o uso de algumas pessoas já caiu em desuso ou são utilizadas em circunstâncias de extrema formalidade. Tal afirmativa não se detém apenas às formas nominativas, estende-se também às formas oblíquas e segundo Ramos (1999, p. 10), o paradigma pronominal das variedades do PB coloquial é:

FUNÇÃO			
PESSOA/NÚMERO	SUJ	OD	OI
1ª sing.	eu	me	para mim, me
2ª sing.	tu você	te lhe, você	para ti, te lhe, para você
	você	você, te, lhe	para você, te, lhe
3ª sing.	ele/ela	o, ele/ela, lhe	para ele/ela
1ª plural	nós a gente	nos a gente	para nós, nos para a gente
2ª plural	vocês	lhes, vocês	lhes, para vocês
3ª plural	eles/elas	os, eles/elas, lhes	para eles/elas, lhes

⁷ Grifo nosso.

Vemos que há algumas variedades do PB nas quais não se usam mais o *tu* e em outras zonas a forma *lhe* migrou da terceira para a segunda pessoa e “alargou seu domínio, passando seu uso a ser dativo quanto acusativo” (RAMOS, 1999, p. 10).

Kato (1994, p.112) discorre que

o PB sofreu uma ruptura em seu paradigma pronominal e flexional a partir da entrada do pronome "você"⁸, cuja origem "vossa mercê" é um NP, com função de forma de tratamento usada para com o ouvinte. A substituição de "tu" por "você", na região sudeste do Brasil⁹, introduz o que Duarte (1993) chama de segunda pessoa indireta, por ela se associar à mesma flexão de terceira pessoa. Essa mudança provocou um rearranjo no paradigma pronominal e um efeito na morfologia flexional.

4. O sistema pronominal do Espanhol

Ramos também aponta em seu trabalho que o sistema pronominal espanhol não sofreu tantas alterações como o sistema pronominal do PB, o que aconteceu naquele foi um “alargamento do domínio de algumas formas, sem que este fenômeno implique o desuso de formas pronominais como vem acontecendo com o PB” (RAMOS, 1999, p. 260). Porém, vale salientar que nos dialetos americanos houve uma redução na segunda pessoa do plural (*vosotros*) que está restrito apenas à variante peninsular.

Segundo Hermoso et al (2006), o paradigma pronominal espanhol é apresentado da seguinte forma:

PESS/NÚMERO	PR. SUJETO	OD	OI
1ª sing	yo	me	me
2ª sing	tú	te	te
3ª sing	él/ella/usted	lo/la	le
1ª plu	nosotros/as	nos	nos
2ª plu	vosotros/as	os	os
3ª plu	ellos/ellas/ustedes	los/las	les

⁸ Segundo Silva (1984), a forma "você" foi introduzida no século XVIII.

⁹ Embora em regiões do sul e do norte conserve-se, ainda, o pronome "tu", a flexão distintiva de segunda pessoa está sendo perdida.

Como ocorre no PB, a realidade estática da GT espanhola deixa a desejar no que se refere ao uso real da língua. Vejamos o quadro que segue¹⁰:

FUNÇÃO			
PESSOA/NÚMERO	CASO NOMINATIVO	CASO ACUSATIVO	CASO DATIVO
1ª sing	yo	me	me
2ª sing	tú vos	te te	te te
3ª sing	él/ ella/usted	lo, <i>le</i>	le, <i>lo</i> , se
1ª plu	nosotros/nosotras	nos	nos
2ª plu	vosotros/vosotras ustedes	os los, <i>les</i>	os les, <i>los</i> , se
3ª plu	ellos/ellas/ustedes	los, <i>les</i>	les, los, <i>las</i> , se

Analisando o quadro acima, observamos que há um acréscimo na segunda pessoa do singular, que é o pronome *vos*, oriundo do fenômeno que conhecemos como *voseo*¹¹, tal fenômeno ocorre no espanhol americano, principalmente na região do *Río de la Plata*. Além da variação pronominal, o *voseo* acarreta também uma variação flexional. Vejamos os exemplos:

- (1) ¿Quieres agua?
- (2) ¿Vos querés agua?
- (3) Tú tienes ocho años.
- (4) Vos tenés ocho años.

Em (2) e (4) temos uma mudança na flexão dos verbos *querer* e *tener*, respectivamente, quando utilizados com o pronome *vos*. Há um deslocamento da sílaba tônica, assim como há o apagamento da ditongação.

Na segunda pessoa do plural, as formas *vosotros/vosotras*, hoje somente são utilizadas na variante europeia. Nas demais regiões hispano-falantes a forma de terceira pessoa *usted* migra para o uso na segunda pessoa.

No que tange aos clíticos, alvo de nosso trabalho, há um alargamento em suas formas acusativas e dativas, em que determinadas formas transitam livremente entre uma função e

¹⁰ Quadro extraído de Ramos (1999).

¹¹ Uso do pronome *vos* no lugar de *tú*.

outra. Temos então, os fenômenos conhecidos como laísmo, leísmo e loísmo¹² (cf. Fernández-Ordoñez, 1993).

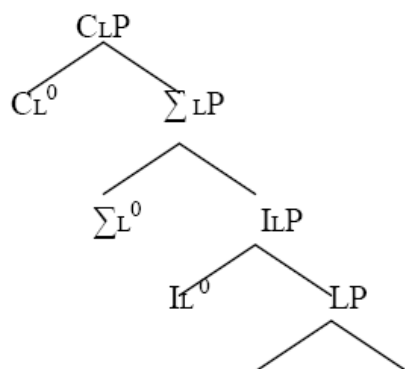
4. O que são clíticos?

Baseando-nos no trabalho de Brito (s/ano), os clíticos pronominais possuem determinadas deficiências prosódicas e ocupam lugar especial na sentença, ou seja, são “partículas desprovidas de acento que requerem um hospedeiro que os receba, assim como acontece com os afixos flexionais”. Os pronomes podem ser divididos de três maneiras distintas: fortes, fracos e clíticos.

os pronomes fracos e fortes ocupam posições de XP, enquanto que os clíticos ocupam posições X⁰. Os elementos fracos e clíticos são *deficientes*, por isso, são restringidos com relação a sua distribuição, isto é, nenhum deles é coordenável, enquanto os pronomes fortes são. Pode-se explicar esta deficiência estrutural como a ausência de um conjunto de núcleos funcionais, os quais contêm traços φ e traços referenciais. (CARDINALETTI & STARKE, 1999 *apud* BRITO S/ANO, p.11)

Representando a estrutura sintática dos pronomes poderemos obter as seguintes construções¹³:

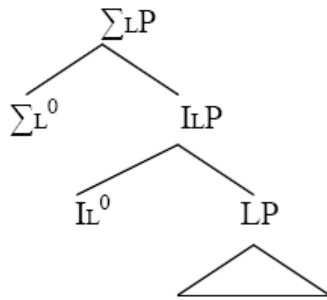
(5) pronomes fortes



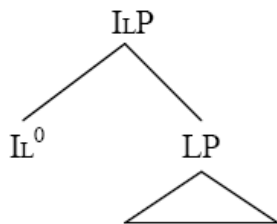
(6) pronomes fracos

¹² Tais fenômenos estão presentes no texto para simples informação, não nos deteremos neles para o desenvolvimento deste trabalho.

¹³ Exemplos extraídos de Carvalho (2008, p.60).



(7) pronomes clíticos



Carvalho (2008, p. 60) aponta que os clíticos não projetam as camadas funcionais mais altas, diferentemente dos pronomes fortes, que são “projeções nominais completas” e os pronomes fracos “carecem da projeção funcional mais alta”.

É relevante mencionar que os estudos sobre os clíticos ainda são insuficientes para o número de questionamentos ainda presentes. Dentro do quadro teórico gerativista ainda há controvérsias no que se diz respeito aos clíticos, podemos citar, por exemplo, alguns trabalhos de Uriagereka (1995), Camacho (2004) e Kayne (1989) que possuem visões distintas sobre os clíticos categoriais.

5. A presença dos clíticos na aprendizagem do Espanhol/LE

A partir das informações preliminares sobre o sistema pronominal do PB e do espanhol, agora é possível observar e discutir a respeito do uso dos clíticos pronominais nessas duas línguas.

Ramos (1999, p.17) aponta em sua tese de doutoramento o preenchimento *versus* o não preenchimento dos clíticos no PB e no espanhol. A autora aponta que, no PB, a convivência com um sistema pronominal em tensão “favorece o preenchimento da posição de

sujeito em detrimento da posição de objeto”, o que ratifica a inclinação do Português Brasileiro em se tornar uma língua não *pro-drop*¹⁴.

Entretanto, percebemos uma reação totalmente oposta acontecendo no espanhol, sendo esta uma língua que retém o objeto em suas construções. Vejamos os exemplos da autora:

(8) — Você viu o João na praia?

— Sim, **eu** vi —¹⁵.

(9) — ¿Viste a Juan en la playa?

— Sí, **lo** vi.

Em (8) percebemos um apagamento do objeto, ou seja, um objeto nulo. Já em (9), há uma retenção do objeto através do clítico *lo*. Voltando à sentença (8), podemos dizer que se houvesse uma resposta com o preenchimento do objeto, este seria realizado, segundo Ramos (1999, p. 20), na maioria dos casos, usando o pronome *ele*, já o acusativo *o* ou ainda o dativo *lhe* seriam mais difíceis de serem constatados.

(10) Sim, eu vi **ele**.

(11) Sim, eu **o** vi.

(12) Sim, eu **lhe** vi.

Porém, em espanhol, outra possibilidade de resposta seria a partir de um redobro do sujeito, pois, um sintagma com pronome tônico, o clítico não pode faltar no espanhol atual.

(13) **Lo** vi a **él**.

(14) **Lo** vi a **Juan**.

¹⁴ Grosso modo, podemos entender que uma língua obedece ao parâmetro *pro-drop* quando ela contém o seguinte conjunto de propriedades: sujeito nulo; inversão livre do sujeito; movimento longo do sujeito a partir de uma ilha-Qu; pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; aparente violação do filtro *that-t*.

¹⁵ O símbolo “—” indica que houve um apagamento do objeto na frase.

Nas construções (13) e (14) teremos o uso do clítico de maneira obrigatória, pois o pronome tônico *él* só é possível como na posição canônica de objeto quando o mesmo vem de maneira duplicada.

Continuando com nossa reflexão, passemos agora a analisar sentenças no estilo pergunta/resposta, em que o uso dos clíticos como retomada do sujeito e/ou objeto aparentemente será necessário.

(15) a. Você fez o exercício?

b. Fiz.

(16) a. ¿Hiciste el ejercicio?

b. Sí, **lo** hice

(17) a. Você tem uma borracha?

b. Tenho.

(18) a. ¿Tienes una goma?

b. Sí, **la** tengo.

Nas sentenças acima, as respostas em PB não necessitam dos clíticos para que as mesmas sejam consideradas gramaticais, já as respostas em espanhol sempre são acompanhadas por um clítico acusativo. Seriam consideradas agramaticais respostas tais como:

(19) *Sí, hice.

(20) *Sí, tengo.

Isso se dá porque a ocorrência do objeto nulo (ON) no Espanhol é muito menos frequente do que no PB, uma vez que é necessário que se respeite algumas restrições referentes ao verbo. Campos (1986 *apud* CYRINO, 1997, p. 36) “assume a análise de Raposo para esses objetos nulos do espanhol, mostrando que o elemento vazio na posição de objeto também seria o vestígio de um operador movido por obedecer a restrições de ilha”. Sendo assim, para que haja um ON não pode haver a referência a um DP [+ definido].

(21) a. Compré un coche

b. Lo compré

- c. *Compré
- (22) a. ¿Compraste revistas?
- b. *Sí, las compré
- c. Sí, compré.

Em (21b) a sentença é considerada gramatical porque o elemento ao qual o objeto faz referência é [+ definido], o que não podemos dizer de (21c), uma vez que o ON não é aceito nessas circunstâncias. Já em (22a) temos uma sentença em que há um DP [- definido], o que propicia a aparição do ON, sendo gramatical a sentença (22c).

Desta maneira, pode-se concluir que em espanhol ocorre somente o objeto nulo indefinido (cf. CAMPOS, 1986), porém Cyrino (1997, p. 46) aponta que:

O espanhol basco (Landa, 1991) permite objetos nulos com referência específica, ao contrário do espanhol. Porém, somente objetos nulos que se referem à terceira pessoa ([+/- animado]) podem ser omitidos, sendo impossível uma referência a outras pessoas gramaticais. Da mesma forma, em um outro dialeto do espanhol, o quiteño, objetos nulos definidos são permitidos (Suñer & Yépez, 1988) quando na sentença há também um objeto indireto. O conteúdo desse objeto nulo é sempre recuperado do discurso anterior ou contexto pragmático, e também se restringe à terceira pessoa.

O uso do ON nas variedades acima também se deve segundo Fernández-Ordoñez (1993 *apud* RAMOS, 1999, p. 20) ao contato do espanhol com outras línguas que não têm origem indo-européia, em região de bilinguismo, porque línguas oriundas de um tronco linguístico que não seja o citado não expressam noção de gênero. Sendo o caso do contato do espanhol com línguas indígenas, como as presentes no Equador, e com o basco, na Europa.

Agora observemos frases em que aparecem clíticos com função acusativa e dativa:

- (23) a. Quando você trará as provas para a gente?
- b. Trago na próxima semana.
- (24) a. ¿Cuándo traerás las pruebas?
- b. **Se las** traigo en la próxima semana.

Em espanhol, percebemos ainda frases que podem ser reduzidas por clíticos em forma de economia linguística.

(25) a. Dime cuántos años tienes.

b. **Dímelo.**

(26) a. Dame el libro.

b. **Dámelo.**

Tais frases reduzidas em espanhol são notadas em situações informais de fala, ou seja, quanto mais informal a situação de comunicação no espanhol, mais intensamente teremos a realização dos clíticos, o que é inversamente proporcional no PB. Morosov (2000, p. 37) afirma que a presença dos clíticos é importante na “expressão oral do falante espanhol, onde seu uso é valorizado na intenção de reforçar a construção desejada”.

Frases como (27), (28) e (29) são utilizadas em situações formais ou já não são mais usadas no PB.

(27) Eu **a** vi ontem.

(28) Encontrar-**te**-ei amanhã.

(29) Tudo **lhe** girou em volta.

Tomando como referência os dados acima, partimos do pressuposto que os alunos brasileiros aprendizes de E/LE têm pela frente um grande desafio, no que se refere à aprendizagem dos clíticos, uma vez que o parâmetro da marcação do objeto nulo já foi adquirido e internalizado. Deparar-se com uma língua que favorece a cliticização não é algo fácil.

Sebold (2009, p.2) a respeito do tema comenta:

no que diz respeito às diferenças entre o PB e o Espanhol, o fenômeno de apagamento de objeto em Espanhol aparece em contextos restritos, predominando a cliticização. Já as pesquisas feitas sobre o português brasileiro apontam nele uma assimetria no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto, bem como uma correlação entre esses dois fenômenos. Enquanto o argumento sujeito tende cada vez mais a ser preenchido por um pronome lexical, o objeto direto tende a ser cada vez mais representado por uma categoria vazia.

Tendo como base um sistema pronominal “tenso” e em processo de mudança linguística, partimos da hipótese que o falante do PB tenha a tendência de apagar também os clíticos em espanhol, o que poderá comprometer a gramaticalidade das sentenças na língua

estrangeira, entretanto essa hipótese será explorada mais tarde através de testes envolvendo brasileiros aprendizes de espanhol.

6. Considerações finais

Neste espaço destinado às considerações finais, os questionamentos serão muito maiores que as conclusões a que chegamos.

Essa tendência a apagar os clíticos demonstra traços da língua materna na aprendizagem da LE, porém não podemos esquecer que quando um aprendiz chega a um nível avançado no conhecimento da língua essas “falhas” vão sendo corrigidas, como se dá esse processo?

Será que um aluno adulto tem acesso à GU, no momento em que aprende uma LE? Caso tenha, como se dá esse processo?

Uma criança que está em processo de fixação dos parâmetros de sua LM, fixará da mesma forma uma LE?

A única certeza aqui exposta é que será grande o caminho a ser percorrido em busca de respostas para as questões acima.

7. Referências

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRITO, Juvanete Ferreira Alves. Estatuto categorial dos clíticos pronominais nas línguas românicas. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1422.pdf>>.

CAMACHO, M. VICTORIA. Carcterización sintáctica y fonológica de los clíticos pronominales románicos y eslavos. In: **Actas del V Congreso de Lingüística General**, Leon, 2004.

CARVALHO, Dannel da S. A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

CYRINO, Sonia. M. L. **O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. UNICAMP. Tese de doutorado. 1994.

GROPPI, Mirta. Ainda os clíticos: argumentos e adjuntos. In: **Anais da Abralín**, 2000.

HERMOSO, A. et al. **Gramática de español lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2006.

KATO, M. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. MORAES, J e L Grimm-Cabral (orgs) (1999) **Investigações a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral**. Florianópolis: Editora Mulher. 201-205, 1999.

KATO, M. Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: I.Duarte e I.Leiria (orgs) **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa, 1994. Vol II: 211-237.1994.

KATO, Mary. **A concepção da escrita pela criança**. São Paulo: Pontes, 1994.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. M.A. Marques, E. Koller, J Teixeira & A. S. Lemos (orgs). **Ciência da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005. P.131-245

KAYNE, Richard S. Romance clitics, verb movement and PRO. In: **Linguistic Inquiry**. V. 22:4, p. 647-686, 1991.

MAGALHÃES, T. M. V. **Aprendendo o sujeito nulo na escola**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade de Campinas, 2000.

MAGALHÃES, T. M. V. As diferenças entre as gramáticas da fala e a “gramática” da escrita no Português Brasileiro e suas conseqüências para o ensino de línguas. *Revista Gelne*. Vol 10: Nº1/2, 2008.

MAGALHÃES, T. M. V. **O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro**. Tese de doutorado. Universidade de Campinas, 2006.

MOROSOV, Ivete. **Revisitando os pronomes clíticos no espanhol**. Curitiba, 2000, 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Paraná.

RAMOS, C. M. A. **O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular**. Alagoas, 1999, 109f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas.

SEBOLD, M. M. R. Q. Distribuição de clíticos no Espanhol e no PB e a repercussão no ensino de Espanhol L2. In: **Anais da ABH**, 2009.

URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. In: **Linguistic Inquiry**. V. 26:1, p. 79-123, 1995.